



## COMO EU CHEGUEI AQUI?

Este é o meu testemunho sobre a maneira que Deus direcionou minha vida profissional. Pretendo, neste relato, estimular os leitores, especialmente os jovens, a confiarem completamente suas vidas ao Senhor Deus, deixando-o no controle, pois Ele sempre tem o melhor para seus filhos.

Para que toda honra seja dada a Deus, vou primeiramente comentar a diferença entre a minha situação antes da minha conversão e o que mudou assim que eu decidi entregar a minha vida ao Senhor, aceitando a salvação que foi posta em Jesus. É claro que os fatos narrados sobre minha conduta antes da minha conversão não servem de parâmetro para ninguém, mas evidencia o quão necessitado dos valores de Deus nós somos. Hoje, olhando para trás, vejo a mão de Deus em todas as coisas, preparando um caminho para mim e me conduzindo passo a passo, removendo minha resistência até que eu chegasse ao lugar que Ele mesmo quis.

### *Antes da minha conversão*

Aos 15 anos de idade meu pai conseguiu para mim, por meio de um parente, um emprego de office boy em um Banco particular – o Bandeirantes, que então se situava na 510 Sul do Plano Piloto em Brasília-DF. Nesse tempo eu já cursava o 1 ano do segundo grau em um colégio público próximo da minha casa – o Cean (Centro de Ensino Asa Norte). Por causa do meu primeiro emprego, transferi meus estudos para o noturno e, na falta de opção, cursei Habilitação Básica em Química, que era o curso profissionalizante oferecido naquela escola. Eu nem pensava em trabalhar em um laboratório, mas desde cedo aprendi que nem sempre podemos fazer apenas aquilo que gostamos. Gostando, ou não, procurei ser um aluno aplicado, sempre preocupado em tirar boas notas.

Mas, infelizmente, o curso profissionalizante não oferecia boas condições ao aluno na hora do vestibular, especialmente na Universidade Pública – UNB, no caso. Não passei no primeiro nem no segundo exame vestibular. Concluí, então, que eu teria que fazer um cursinho preparatório, se eu quisesse passar. Mas, naquela altura, eu já estava trabalhando no serviço de compensação de cheques do Banco e nunca conseguia chegar no cursinho na hora do início das aulas. Além disso, chegava tão cansado que dormia boa parte do tempo das aulas. Resultado: nova reprovação no vestibular.

Completei 18 anos e minha irmã Stefânia me inscreveu em um concurso público para Agente Administrativo do Governo Federal. Num belo domingo de sono ela me chamou e disse: "acorda Sólón, a prova é hoje". Fui com ela sem saber exatamente o que eu estava fazendo.

Quando chegamos ao local da prova (um colégio público), tive uma grata surpresa. A minha inscrição era um número depois da inscrição da minha irmã. Obviamente, isso ocorreu porque foi ela que me inscreveu no dia em que fez a sua própria inscrição. Fomos, então, colocados na mesma sala: Stefânia e Sólón. Ela na frente e eu atrás dela. Stefânia era uma excelente aluna e muito boa em português. Mas, quem sabia mais matemática era eu. Minha



querida irmã resolveu sua prova e marcou fortemente suas respostas com um círculo bem grande em torno das letras corretas. Dava para ver direitinho o que ela tinha marcado. Como eu sempre digo, devemos estar atentos a todas as oportunidades... brincadeira!

Terminamos a prova e fomos para casa. Sequer tive interesse em conferir gabarito. Um belo dia, Stefânia trouxe o resultado: tínhamos sido aprovados e eu havia conseguido uma classificação melhor que a dela. A minha matemática com o português dela foi uma combinação muito boa. Quem viveu naquele tempo sabe que as provas do extinto DASP eram bem elementares e, provavelmente, eu teria passado de qualquer maneira, mas o ocorrido serviria para que eu pudesse rejeitar tal comportamento após minha conversão, conforme veremos mais adiante.

Em todo caso, naquele tempo, considerei tudo bom demais para ser verdade. Imediatamente, pedi demissão do Banco e fiquei aguardando ser chamado para a posse no novo emprego, que veio a ocorrer dois meses depois. Fui, então, chamado para trabalhar no Ministério da Educação.

Novamente, minha querida irmã estava à frente do meu tempo. Como o pai do seu então namorado trabalhava no Departamento de Polícia Federal - DPF, ela conseguiu com que ele providenciasse a minha requisição para trabalhar naquele órgão, uma vez que o salário ali era maior.

## *Minha conversão*

Tomei posse em 1987 no DPF e foi ali que conheci uma pessoa especial. Uma bela jovem crente de 24 anos, Escrivã de Polícia Federal, que, além de um bom emprego, já tinha carro e apartamento. Não demorou muito e ela me convidou para assistir a um culto de domingo em sua igreja. Era um convite irrecusável. Afinal eu estava interessado naquela jovem. Aceitei imediatamente o convite, sem saber exatamente o que era um culto evangélico. Na verdade a única vez que eu havia pisado em um culto evangélico foi forçado – um ex-marginal da quadra em que eu morava intimou toda a “galera” para assistir a um culto de sua igreja. Como tínhamos aquele ex-bandido, tivemos que aceitar o convite.

Pois é. Deus não desiste. Como eu não ia a um culto pelo sincero desejo de encontrá-lo, Ele me atraiu de uma outra forma. Isso me faz lembrar da passagem bíblica em que o paraplégico foi levado a Jesus com o propósito de ser curado, simplesmente. Mas, antes disso, ele recebeu perdão e salvação. Buscou uma coisa e levou outra melhor primeiro. Foi exatamente assim comigo. Fui ao culto pelo interesse na minha colega de trabalho, mas recebi algo infinitamente melhor antes do que eu queria.

No domingo marcado, parece que o inferno não queria que eu fosse ao culto. Fui de ônibus para a casa da jovem Roseli e seguimos para o culto. No caminho o carro quebrou. Depois de mexer um pouco no carburador e na velha bobina da Variant 78, empurramos (eu empurrei, na verdade) e conseguimos fazer o carro funcionar. Quando isso aconteceu eu já estava todo sujo e suado e achei melhor ir ao culto em outra ocasião. Eu não queria chegar na igreja naquela situação – sujo de graxa e com cheiro de gasolina no corpo. Roseli não desistiu. Conseguiu uma camisa de seu irmão emprestada e fomos para a igreja... ou melhor, para a praça. Na verdade, antes do culto, um grupo de irmãos se reunia na praça para evangelizar e



atrair pessoas para o culto. Cantamos, entregamos folhetos e seguimos para o pequeno salão da igreja, situada na QE 30 do Guará II - DF.

O evangelista Joaquim pregou sobre a cura de um leproso. Após comparar a lepra com o pecado e o leproso com o pecador, enfatizou a pergunta que Jesus fez ao leproso: "Queres ser curado?" Além de estar um pouco sujo por fora, eu também me sentia sujo por dentro, devido à minha vida mundana - normal para um jovem da minha idade, mas que me incomodou tremendamente naquele dia.

Assim, compreendi que a mensagem era dirigida a mim e que Jesus, vendo o meu interior, estava se oferecendo para me limpar por dentro, curando minha vida, assim como fez com o leproso da história bíblica. Aceitei, somente. E, a partir de então, começava uma virada em minha vida. Isso foi em março de 1988.

## *Finalmente, passei no vestibular*

No mês de julho de 1988, decidi fazer o vestibular nas faculdades particulares mais conhecidas e conceituadas de Brasília naquele tempo: AEUDF, CEUB e Católica. Então me inscrevi na AEUDF para Ciências Contábeis, no CEUB para Matemática e na Católica para Ciências Econômicas. Tipo de coisa de quem não sabe o que quer da vida.

No dia do vestibular do CEUB, cheguei atrasado e o porteiro não me deixou entrar para fazer a prova. No dia do vestibular da Católica aconteceu algo inusitado. O examinador fechou a porta da sala e disse. "Gente, tá liberada a cola". Foi um verdadeiro alvoroço na sala e todo mundo colou como podia, inclusive eu conferi minhas respostas com a pessoa ao meu lado, embora nem precisasse, pois eu estava mais bem preparado do que ela. Somente no vestibular da AEUDF a coisa aconteceu sem surpresas.

Quando saiu o resultado, fiquei muito feliz - eu fui aprovado na Católica e na AEUDF.

E agora? Economia ou Contabilidade?

Foi fácil decidir. Uma vez que eu já tinha uma nova vida, agora eu já não mais achava normal uma colinha básica como antes. Meus valores haviam mudado e o pecado, por menor que fosse, acusava-me diante de Deus. Assim, arrependido, não achei justa a minha aprovação na Católica, devido ao "pecado da cola". Por isso, decidi cursar Contabilidade na AEUDF.

## *O casamento*

Seis meses depois, em dezembro de 1988, eu já estava me casando com Roseli, a jovem que conheci no trabalho e que me levou para o Senhor Jesus.

Tudo se encaminhou rapidamente em nossa vida. Tínhamos emprego, um apartamento (um ágio, na verdade), um fusca e estávamos na faculdade. Eu cursando Contabilidade e ela Direito. Poderíamos estar satisfeitos, mas queríamos mais. Queríamos uma casa melhor, um carro melhor e um emprego melhor. Vaidade? Pode ser, mas um pouco de



ambição nos faz mover de lugar. Quando estamos acomodados, não nos movemos. Talvez, por isso, Deus nos desacomoda de vez em quando.

Em nossa lista de oração diária, a minha vida profissional estava lá no topo. Só perdia para o meu desejo de ser um diácono na igreja. Esse era o meu maior sonho. Por falar em sonho, comecei a ter algumas experiências com sonhos dados por Deus. Neste texto, vou relatar apenas aqueles relacionados à minha jornada profissional.

## *A primeira porta aberta – o BEG*

Para melhorar o nível salarial, eu estava disposto a fazer qualquer concurso que aparecesse pela frente, pois naquele tempo o salário do Agente Administrativo era muito baixo – um salário mínimo e meio, mais precisamente. A Roseli ganhava 3 vezes mais que eu, mas depois que pagávamos as duas faculdades, a prestação do apartamento, o condomínio, a luz e o financiamento do carro novo – um corcel II 1985, só sobrava o dinheiro da comida.

Nunca tive problemas em administrar dinheiro. Ao ler a bíblia, entendi que uma só carne significava isso mesmo – uma só carne, onde o cabeça seria o marido. Embora a igreja não ensinasse nada sobre administração familiar, na minha casa sempre houve apenas um orçamento, administrado por mim. Roseli, como toda serva de Deus, confiava em mim nesta tarefa e, apesar dos momentos difíceis, Deus sempre nos honrou.

Hoje, percebo que muitos casamentos já se iniciam sobre as bases da desconfiança e da divisão. Cada cônjuge administra o que considera seu individualmente e dividem contas como se fossem sócios. Já vi até mulher emprestando dinheiro para o marido. No nosso caso, só havia uma conta corrente (conjunta) e um só orçamento. Nunca nos interessou quem ganhava mais ou menos. O orçamento sempre foi, e ainda é, familiar. Nenhum de nós considera algo particularmente seu.

O primeiro concurso que eu fiz foi o do Banco do Estado de Goiás – BEG, em 1989. Passei e logo fui chamado. A vaga que eu deveria ocupar seria na compensação de cheques, que funcionada de noite (o meu curriculum me denunciou). O salário seria igual ao que a Roseli ganhava, ou seja, 3 vezes maior. O problema era que eu não poderia mais estar presente nos cultos durante a semana, o que inviabilizaria meu maior sonho, o de ser diácono. Na igreja que eu estava – Igreja Cristã Maranata-ICM, a presença nos cultos e reuniões era fundamental para o chamado para o serviço da igreja.

Então, procurei o evangelista Joaquim e disse que eu estava em dúvida e pedi que ele me ajudasse a decidir. Joaquim, no entanto, sem querer assumir a responsabilidade de um palpite, preferiu “passar a bola” para Deus – assim, nem ele nem a igreja se comprometeria comigo. Oramos e, após consultarmos a bíblia (prática da Igreja Cristã Maranata), o evangelista não chegou a nenhuma conclusão. Preferiu dizer que Deus me abençoaria onde eu estivesse. Ou seja, tive que decidir por mim mesmo.

Quando se tem um sonho, devemos focá-lo e não nos desviarmos para outros caminhos, a não ser que Deus intervenha para alinhar o nosso plano com os Dele. Como Deus não havia falado nada, decidi que queria ser diácono, mesmo que tivesse que continuar com um salário 3 vezes menor. Abri mão do concurso do BEG sem qualquer problema de consciência.



## *A segunda porta aberta*

No ano de 1991 surgiu um concurso para Técnico do Tesouro Nacional, uma excelente oportunidade para quem cursava Contabilidade. Mas, o concurso não oferecia vagas para Brasília. Como minha mulher Roseli era paulista, decidimos que eu faria o concurso em São Paulo. Passei bem classificado e dentro do número de vagas. Eu fiquei muito feliz e estava convicto de que aquele era o propósito de Deus – mudar-me de lugar. Eu deveria ir para São Paulo. Mas, o tempo foi passando e a Receita Federal não chamava os candidatos aprovados para fazer o curso de formação.

## *Portas fechadas – tempo de aprendizado*

Uma dívida inesperada

Naquele tempo a situação financeira ficou crítica. Fomos forçados a transferir o ágio do apartamento para o nosso nome, pois o proprietário anterior fez essa exigência inesperadamente – ele tinha que tirar o imóvel do nome dele para ser poder comprar o apartamento funcional em que morava. A condição para a compra do imóvel funcional era que o servidor não tivesse outro imóvel em seu nome.

Só que para fazer a transferência, teríamos que desistir de uma ação judicial que o antigo proprietário havia ajuizado para diminuir o preço da prestação. Por essa razão, só tínhamos feito um “contrato de gaveta” e não queríamos transferir o apartamento para o nosso nome. A transferência, naquele momento, significaria arcar com um débito gerado por alguns anos de diferença entre as prestações pagas e as prestações devidas. Além, disso, era comum a renegociação do saldo devedor no momento da transferência, sem contar com as taxas e impostos devidos para aquela transação. Enfim, o custo disso era muito alto e não tínhamos dinheiro para resolver o problema.

A solução para essa crise foi pleitear uma viagem a serviço pelo Departamento de Polícia Federal. Consegui uma viagem de 40 dias que, somado ao décimo terceiro salário e férias, daria uma receita suficiente para as despesas imediatas da transferência do apartamento. Considerei isso uma providência de Deus.

Tudo estava encaminhado. A viagem estava marcada e nós iríamos sair daquela situação.

A direção de Deus em sonho

Uma semana antes da viagem tive um sonho. Sonhei que eu estava subindo as escadas do DPF para me dirigir para minha sala de trabalho, mas muitas pessoas estavam descendo as escadas apressadamente. Perguntei o que estava acontecendo e uma pessoa me disse que o prédio estava ruindo e que eu deveria sair dali.

Quando amanheceu o dia, eu tive o seguinte discernimento do sonho: o meu tempo no DPF havia chegado ao fim.



Ao sair para o trabalho, verifiquei as correspondências na caixa de correios. Tive uma surpresa: recebi uma carta de convocação para fazer o curso de formação da Receita Federal, porém a data do início do curso coincidia com a data da minha viagem a serviço.

E agora? O dilema era o seguinte: se eu fosse para São Paulo, perderia a viagem e o dinheiro correspondente à transferência do apartamento e o antigo proprietário estava ameaçando tomar o apartamento, caso não o transferíssemos imediatamente. Por outro lado, se eu viajasse a serviço, perderia o novo emprego que me proporcionaria uma renda 3 vezes maior. Mas, na minha compreensão, com essa opção eu perderia o apartamento, o que me custaria muitos anos de trabalho para reconquistá-lo.

Resolvi, então, desconsiderar o sonho, uma vez que a alternativa mais razoável, para mim, seria não perder o apartamento. Eu pensei que seria mais fácil passar em outro concurso do que comprar uma nova moradia. Afinal, até então eu tinha passado em todos os concursos que havia feito. Que loucura! Hoje sei que é melhor seguir pelo caminho indicado por Deus, deixando de lado toda a minha percepção do mundo físico.

## Lutando contra Deus

Como eu disse, tentar ir contra a vontade de Deus é loucura! Aprendi isso logo cedo. Resolvi o problema do apartamento, mas saí do projeto que o Senhor tinha para mim.

Uma vez que eu decidi desconsiderar o sonho que Deus me deu, experimentei a diferença entre estar e não estar plenamente sintonizado com a vontade de Deus. A diferença é simples. Quando estamos na direção de Deus, somos ajudados de modo sobrenatural em nossas limitações, além, é claro, das "coincidências" que ocorrem para nos favorecer. Quando decidimos fazer o que achamos melhor, temos que resolver tudo apenas com as nossas forças físicas e intelectuais e nada parece contribuir conosco.

No meu caso, tinha a sensação que as portas haviam se fechado. Continuei fazendo concursos públicos, mas agora não conseguia me classificar entre o número de vagas. Faltava a "ajudinha" de Deus. Logo percebi que minha capacidade física e intelectual era insuficiente para que eu resolvesse esse problema sozinho.

Fiz o concurso para Técnico Judiciário. Passei fora das vagas e não fui convocado no primeiro momento, como eu gostaria. Fiz um concurso para Técnico Legislativo, mas troquei os cartões de resposta na hora de transferir minhas respostas para o cartão. Nem adiantava conferir o gabarito. Em seguida, fiz o concurso para Agente de Polícia Civil do DF. Passei na primeira fase do concurso entre os primeiros colocados, mas reprovei no teste psicotécnico. Alguns amigos meus que também reprovaram no teste psicotécnico entraram na justiça e todos tomaram posse. Quando eles me convidaram para entrar na justiça, não quis, pois entendi que foi Deus quem não quis que eu ingressasse na Polícia Civil. Deixei para lá, mas já estava ficando incomodado com meus insucessos na área profissional.

Nas demais áreas da minha vida as coisas iam bem. Rebeca já tinha nascido e nós, depois de muito sofrimento, vimos Deus preservar a sua vida. O meu maior sonho se realizou. Fui chamado ao diaconato da Igreja Cristã Maranata, em 1992. Nesse mesmo ano, conseguimos realizar outro sonho. Trocamos o ágio do apartamento por uma casa em um Condomínio em Sobradinho-DF, embora tenhamos ficado por um bom tempo em um aperto



financeiro incrível. Agora, mais do que nunca, eu estava desacomodado – precisava de um emprego melhor para dar conta de pagar todas as contas que fizemos para trocar o apartamento.

Mas, ainda não estava convencido de que eu tinha que me arrepender da escolha errada que eu tinha feito no passado e que, hoje reconheço, o quanto não confiei completamente em Deus para dar-lhe a direção da minha vida. Continuei orando e tentando resolver o problema.

Eu já tinha percebido que os melhores empregos públicos estavam no Poder Legislativo e no Poder Judiciário. Como eu não estava conseguindo passar e ser chamado para cargos técnicos, decidi que deveria tentar entrar pelos cargos menos cobiçados e de menor status, tais como telefonista, operador de tipografia, agente de segurança, motorista etc. Esses cargos, então, passaram a ser o meu alvo.

No ano de 1993, salvo engano, surgiu uma boa oportunidade. O Senado Federal abriu algumas vagas para telefonista – umas cinco, se não me engano. Logo me matriculei um curso de telefonista e aprendi a operar mesas telefônicas. Sabia tudo de mesa telefônica – marcas, modelos e modo de operação. Fiz a prova escrita e fui aprovado entre os primeiros colocados. Só faltava fazer a prova prática. Não sei o que houve, mas fiquei nervoso na hora da prova prática e não fui desenvolvido o suficiente para manter minha classificação. Resultado: saí de entre os primeiros colocados e fiquei na fila de espera. Estou esperando até hoje.

Ainda em 1993, abriu um concurso para motorista do Tribunal Superior do Trabalho. Como o cargo exigia que o candidato tivesse habilitação profissional, categoria "D", entrei numa auto-escola para trocar minha carteira "B" por uma "D". Estudei mecânica, legislação de trânsito e fui fazer a prova bastante confiante.

Um amigo que trabalhava comigo também fez o concurso para um outro cargo. Esse meu amigo tinha um parente que trabalhava na Coordenação de Pessoal do TST e assim que eles tiveram acesso à lista dos aprovados, fomos ao TST para que ele nos informasse se tínhamos passado. Isso foi em uma quinta-feira e o resultado seria publicado no Diário Oficial da União na segunda-feira.

Foi uma alegria geral. Tanto o meu amigo como eu havíamos sido aprovados. Minha nota foi alta e minha classificação seria entre os primeiros colocados. Voltei para casa radiante, pois o salário era, mais uma vez, 3 vezes maior do que o que eu estava recebendo no DPF.

Na segunda-feira, antes de ir trabalhar, eu e a Roseli fomos na Imprensa Oficial, pois eu queria comprar o Diário Oficial. Comprei e rapidamente me dirigi para o carro, onde a Roseli me esperava, no estacionamento. Entrei no carro e entreguei o D.O.U. para a ela e disse: "veja aí o meu nome, chuchu". Fui dirigindo e a Roseli procurando o meu nome. Inexplicavelmente, o meu nome não estava entre os aprovados. O que poderia ter acontecido? Só bem mais tarde ficamos sabendo de um "trem da alegria" que aconteceu exatamente naquele concurso. Eu nem tinha para quem reclamar, a não ser para Deus. Minha Angústia, agora, estava no topo. O que estava acontecendo? Alguma coisa estava errada.



Parei, então, para refletir e entendi que as portas estavam fechadas para mim porque no passado eu havia tomado o controle das mãos de Deus, desprezando sua ação para me dar vitória nesta área da minha vida.

Orei ao Senhor: "Oh! Deus! Eu me arrependo do que fiz. Hoje percebo que o Senhor queria me mandar para São Paulo e eu resisti à sua vontade. Perdoa-me Pai. Agora, Senhor, estou pronto para que o Senhor me mande para onde quiser."

## *Portas abertas*

### Motorista do TCU

Não demorou muito e eu já notei a diferença. No final de 1993, abriram dois concursos com bons salários que me interessaram. O primeiro para Agente da Polícia Federal e o segundo para motorista do Tribunal de Contas da União-TCU.

O concurso do TCU exigia que o candidato tivesse a carteira de habilitação profissional já no ato da inscrição. Aleluia! Eu já tinha, pois havia trocado minha carteira para fazer o concurso do TST. Quem não tinha a carteira profissional não teria tempo para tirá-la. Tive a sensação de que aquela derrota no TST foi providencial, pois se não fosse aquele concurso eu não teria trocado minha carteira de habilitação e não poderia fazer o concurso do TCU. E o salário do TCU era maior do que o do TST, além de ser um órgão vinculado ao Poder Legislativo.

Primeiramente, fiz o concurso da Polícia Federal e fui aprovado entre o número de vagas, mas ainda deveria fazer os testes físico e psicotécnico. Mas o concurso do TCU se desenrolou mais rapidamente. Chegou a semana da prova do TCU e eu ainda não tinha nem lido o Código Brasileiro de Trânsito, devido às minhas atividades na igreja e pelo fato de estar na fase final do meu primeiro curso superior. Prometi para mim mesmo que naquela semana eu não iria à igreja para ficar estudando. Não consegui. Chegou o domingo e eu nem tinha aberto o Código de Trânsito. A prova era no período da tarde e como eu não tinha estudado nada mesmo, decidi ir para a escola dominical.

Depois do culto, fui almoçar na casa do meu cunhado e após isso fui para o local da prova, na UNB. Cheguei na hora, entrei na sala e fiquei aguardando a distribuição das provas, mas naquele dia alguma coisa tinha acontecido. A UNB, que sempre é pontualíssima, mandou nos avisar - houve um problema e as provas ainda não tinham chegado no local, de modo que o início das provas iriam atrasar. Como eu estava sem o que fazer, decidi abrir o Código de Trânsito, que eu levei na minha pasta. Enquanto a prova não começou, li o que pude, pulando algumas partes. Quando as provas foram distribuídas vi que Deus estava me ajudando com suas "coincidências". Tudo o que eu acabara de ler estava na minha prova, de modo que eu acertei todas as questões relativas à legislação de trânsito.

A prova prática de direção ocorreu logo. No final das contas, fiquei em segundo lugar no concurso e tomei posse em abril de 1994.

Logo depois da minha posse no TCU, desisti de continuar fazendo o concurso da Polícia Federal e também fui chamado para o TST, pois eu estava na fila para Técnico



Judiciário. Por incrível que possa parecer, o salário do TCU era melhor que os outros dois cargos: da Polícia Federal e do TST. Glória a Deus! Hoje, o cargo de motorista já foi extinto no TCU, pois se trata de um serviço terceirizado. Ainda bem que Deus me ensinou a aproveitar as oportunidades. Por isso, sempre digo aos jovens da minha igreja que a sorte é quando a oportunidade e o preparo se encontram. Mas, isso funciona muito melhor quando Deus está na direção.

## Fiscal do trabalho

Em julho de 1994 me formei em Contabilidade. Embora já estivesse com minhas finanças equilibradas e até mesmo realizando alguns sonhos, eu tinha passado muito tempo na faculdade sob a influência de vários professores que eram Auditores Fiscais da Receita Federal. Esses professores me convenceram de que o melhor emprego para um contador era o de Auditor. O mais bem pago, de melhor status e muito estável. Assim, já terminei a faculdade com um novo sonho profissional. Eu queria ser Auditor Fiscal da Receita Federal.

Mas, não era todo dia que aparecia um concurso desses. Enquanto aguardava o concurso dos meus sonhos, apareceu um outro – o de Fiscal do Trabalho, que tinha um salário idêntico ao de Auditor Fiscal, pois as carreiras eram semelhantes. No mesmo dia em que fiz minha inscrição, já saí de lá com todas as apostilas para estudar. Isso foi no final de 1994. O concurso era de caráter nacional e oferecia 20 vagas para Brasília. Nem me preocupei com isso. Agora sentia que Deus estava no comando, apesar de eu não ter adotado a prática ensinada na ICM, qual seja: a de consultar a bíblia para fazer qualquer coisa. No caso de concursos eu não consultava. Apenas fazia a minha parte e ficava atento para o caso de Deus desejar dar uma direção, como já havia feito no passado.

Passei em quadragésimo lugar. Fiquei muito feliz. As portas, de fato, estavam abertas. O concurso oferecia 20 vagas, mas tinha um prazo de validade de dois anos, prorrogáveis por mais dois anos, tempo suficiente para surgir outras 20 vagas. Fui ao Ministério do Trabalho e lá me informaram que já existiam as outras 20 vagas, mas que por questões internas naquele primeiro momento só seriam convocados os primeiros 20 colocados. Os demais classificados seriam chamados futuramente.

## *“Você quer se inscrever para Auditor Fiscal ou para Analista do TCU?”*

Sonho é sonho e eu não desisto dos meus com facilidade. Financeiramente o meu problema já estava resolvido, mas eu ainda não estava me sentindo realizado profissionalmente. Eu queria mesmo era ser Auditor Fiscal da Receita Federal.

Na igreja, creio que os membros devem estar saturados de tanto ouvir as minhas “broncas”, exemplos e mensagens para que, especialmente os jovens, alinhem seus sonhos com os de Deus e os persigam sem esmorecer.



## Concurso à vista!

Os jornais estavam anunciando: “em breve! concurso para Auditor Fiscal da Receita Federal! – prepare-se no Obcursos!” Era o que eu deveria fazer. Os boatos indicavam que no primeiro semestre de 1995 a Receita Federal iria abrir o concurso. Decidi me preparar. Conversei com a Roseli e combinamos que no dia seguinte eu iria me inscrever no cursinho preparatório do Obcursos.

## O primeiro sonho

Naquela noite tive um sonho. Sonhei que eu chegava no guichê do Obcursos e a atendente me perguntava o seguinte: “você quer se inscrever para o cursinho preparatório para Auditor Fiscal da Receita Federal ou para Analista do Tribunal de Contas da União?” Minha resposta, no sonho, foi: “para Analista do TCU”.

Acordei no dia seguinte e nem considerei o sonho, porque tudo já estava decidido. Ademais, eu nem sabia que haveria concurso para Analista do TCU. Afinal, eu trabalhava no TCU e não tinha escutado nenhum comentário a esse respeito. Para mim, aquilo era somente um sonho proporcionado pela “barriga cheia”.

Assim que pude, fui me inscrever no Obcursos. Quando cheguei no guichê de atendimento, perguntei sobre os valores do cursinho. Qual foi a minha surpresa? A atendente perguntou: “você quer se inscrever para o cursinho preparatório para Auditor Fiscal da Receita Federal ou para Analista do Tribunal de Contas da União?” Por um momento fiquei confuso, mas minha experiência do passado não permitia mais o mesmo erro. Então, respondi, resolutamente: “para Analista do TCU”.

Eu já sabia que “o coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (Pv. 16:1). Somente quando estamos sintonizados com o plano de Deus os nossos se realizam plenamente.

Assim, meu sonho agora era ser Analista de Finanças e Controle Externo do TCU, cargo que hoje se denomina “Auditor Federal de Controle Externo”.

## As etapas do projeto de Deus

Deus tinha um plano a ser cumprido em minha vida. Creio que isso acontece com todos. O importante é estarmos atentos para não nos desviarmos, pois isso pode atrasar muito a execução do projeto de Deus em nós.

Quanto ao modo de Deus operar, devemos nos lembrar que Deus sabe o que faz. Temos que orar, confiar e descansar. Não devemos ficar ansiosos por coisa alguma (Fp 4:6). Quando Deus escolheu Moisés para liderar o povo pelo deserto em direção à Canaã, primeiramente o fez sair do Egito, local onde estava confortavelmente estabelecido.

Do modo como Moisés deixou o Egito (fugindo), poderia pensar que estava arruinado. Na verdade, o que parecia uma derrota era o modo de Deus agir para prepará-lo para a obra que Deus tinha a realizar em sua vida.



## ***A primeira tentativa – uma derrota***

Ainda em 1995 eu fiz a prova do TCU. A prova tinha duas etapas: uma objetiva e uma subjetiva, composta por uma redação e um relatório. Para que a prova subjetiva do candidato fosse corrigida, ele deveria ter um certo número de pontos em cada matéria e um número de pontos do total da prova objetiva. Minha prova subjetiva não foi corrigida, pois fiquei a 2 pontos do número de pontos mínimos para a correção da prova seguinte.

Fiquei sem entender o motivo daquela derrota, já que fiz aquilo que Deus mandou. Lembrei-me que o apóstolo Paulo, na primeira fase de seu julgamento, em Cesaréia, apelou para César, devendo ser enviado a Roma. Essa atitude de Paulo foi expressamente confirmada por Deus, quando um anjo lhe apareceu e lhe disse que ele deveria ir para a Itália para dar testemunho em Roma.

Ora, o plano de Paulo estava perfeitamente sintonizado com o plano de Deus, mas no caminho para Itália, o navio naufragou e toda a tripulação foi lançada na ilha de Malta, onde Deus, por meio da vida de Paulo, operou prodígios e salvação. Deus tinha um propósito a realizar na ilha de Malta e precisava que Paulo aparecesse por lá antes de chegar na Itália, ainda que a maneira de Deus realizar isso fosse por meio de uma "tragédia". Foram momentos difíceis da vida de Paulo, mas na direção de Deus, ele chegou ao seu objetivo final, no tempo e ao modo de Deus.

No meu caso, senti que tinha feito a minha parte e já sabia que no caminho da vitória podem haver derrotas. Mas, naquele instante eu só queria tomar um fôlego. Como estava bastante cansado da maratona que eu havia enfrentado, pois naquele tempo eu já era responsável por uma igreja em Planaltina-DF, que demandava muito do meu tempo, resolvi descansar dos estudos.

Não foi possível. O TCU abriu um novo concurso para Analista de Finanças e Controle Externo. Agora para o preenchimento de vagas na região norte do Brasil. Como o concurso pegou todos de surpresa, quem não estava preparado, não teria tempo para fazê-lo. Essa não era a primeira vez que isso acontecia comigo. Por isso, vi a mão de Deus, mais uma vez agindo em meu favor.

### O segundo sonho

Minhas chances, agora, estavam aumentadas. O TCU exigia que o candidato fizesse a prova no local em que fosse concorrer à vaga. Ou seja, a concorrência iria diminuir, pois nem todas as pessoas tinham condições de se deslocar para o norte do país, arcando com custos de passagem aérea, hospedagem e alimentação. Eu tinha essa condição. Então, avalei as possibilidades. Conversando com os amigos, cheguei à conclusão que a melhor opção era fazer o concurso no Acre, pois o TCU abriu o maior número de vagas naquele Estado – 5 vagas.

Na véspera da abertura das inscrições, entretanto, tive um sonho. Sonhei que eu estava entrando em um avião que estava indo para Rondônia. Já não tinha mais dúvidas de que a melhor opção, para mim, era Rondônia, apesar de só haver duas vagas naquele Estado.



Só um louco faria um concurso com um custo tão alto e para concorrer a apenas duas vagas, não é mesmo? Pois é, mas quando sabemos que estamos na direção de Deus, fugimos um pouco do comportamento que as pessoas consideram razoáveis.

## A vitória

Como eu havia dito, Deus sabe o que faz. A maioria dos candidatos que arriscaram a viagem se dirigiram para o Acre, de modo que a concorrência naquele Estado elevou a nota de corte grandemente. Com a nota que eu tirei em Rondônia, consegui me classificar: fui aprovado e classificado!!!. Se eu tivesse feito a prova no Acre, a minha nota não seria suficiente para a minha classificação naquele Estado.

Agora, tudo estava claro para mim. Lembrei-me que no passado eu havia me recusado em ir para São Paulo, apesar de uma direção bem clara de Deus. Depois que me arrependi e fiz um novo concerto com Deus eu havia dito ao meu Senhor que iria para qualquer lugar que ele me enviasse.

Não deu outra. Deus orientou o cursinho que eu deveria fazer, mudou meus planos, impediu que eu fosse aprovado em Brasília e me manteve preparado para a segunda chance, que ocorreria na cidade que Ele mesmo escolheria.

Deus me mandou para Rondônia, onde fiquei até que, por sonhos, fui orientado a voltar para Brasília.

Mas essa é outra história que contarei em uma outra oportunidade.

## *Considerações finais*

Nesta conclusão, vou aproveitar para esclarecer algumas dúvidas que já me foram dirigidas quanto ao lugar em que servimos a Deus. Na mente de algumas pessoas, a bênção de Deus está vinculada ao lugar em que se serve a Deus.

Penso diferente. Entendo que a bênção de Deus está vinculada ao modo como servimos a Deus (de coração), seja onde for. O melhor mesmo é estarmos no centro da vontade de Deus, isto é, com nossos planos e projetos alinhados aos de Deus.

Como eu estive por quase 20 anos na Igreja Cristã Maranata-ICM, evidentemente, boa parte das bênçãos que recebi foi no período em que servia a Deus naquela igreja. Quem conviveu comigo em todo aquele período poderá testemunhar o quanto servi a Deus e à igreja com todo o meu coração e disposição. Nada foi em vão.

Mas, como poderíamos afirmar que seríamos mais ou menos abençoados aqui ou ali? Será que se eu tivesse me convertido em outra denominação não teria recebido as mesmas bênçãos, ou maiores? Será que eu não teria prosperado profissionalmente, emocionalmente ou espiritualmente? É inútil fazermos afirmações como essas. O melhor é considerarmos que estamos onde Deus quer que estejamos e, desta forma, nos empenhar para dar o nosso melhor – isso é grato diante de Deus.



Devemos nos lembrar que o abençoador é o Senhor e não pastores ou igrejas. A fonte é Deus e os canais são diversos, graças a Deus por isso. Os pastores e as igrejas são apenas instrumentos de Deus para cumprir os propósitos do Senhor. Cada um tem seus méritos e devemos, é claro, reconhecer a contribuição de cada um neste processo. Só não podemos vincular a bênção a determinados lugares. Isso não é muito inteligente.

Por exemplo, será que se o pastor David (Paul) Yonggi Cho tivesse se convertido na ICM ele seria o que é hoje? Será que ele teria a liberdade de desenvolver o ministério que desenvolveu, sendo o pastor da maior igreja evangélica do mundo? Estou certo que não, uma vez que os métodos de cada um são diferentes. Nenhum deles está certo ou errado. São apenas métodos diferentes que, por isso, produzem resultados diferentes – todos louváveis.

Logo, não podemos afirmar que seríamos mais ou menos abençoados aqui ou ali. Por outro lado, podemos afirmar que somos abençoados por sermos servos de Deus e não de Satanás. **Deus é o abençoador de todos aqueles que o buscam, seja onde e em que época for, invariavelmente.**

*(Jeremias 29:13-14 RA) "13 **Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração.** 14 Serei achado de vós, diz o SENHOR, e farei mudar a vossa sorte; congregar-vos-ei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o SENHOR (...)."*

O testemunho que contei resumidamente terminou no momento em que ingressei no TCU, mas depois disso, por direção de Deus, também em sonhos, fui destacado para servir a Deus na Comunidade Evangélica Entre as Nações-CEEN. Apesar de ter menos tempo na CEEN já poderia contar muitas bênçãos que recebi servindo ao Senhor nesta nova denominação. Hoje, por exemplo, já cheguei onde queria chegar na minha carreira no TCU, graças ao nosso bom Deus! Futuramente posso contar o quanto Deus tem me abençoado após ter adotado novos valores cristãos para o meu viver: são bênçãos familiares, emocionais, espirituais e, também, profissionais, pois sei que estou onde Deus quer que eu esteja.

Meu sonho, agora, é ver cumprido o sonho que Deus colocou em meu coração no que diz respeito a uma igreja equilibrada, bem estruturada, plenamente integrada ao corpo de Cristo e capaz de cumprir com sua parte na missão dada por Jesus a seus discípulos (levar o seu evangelho a toda criatura) e ajudar as pessoas a se desenvolverem em todas as áreas de suas vidas.

Deus é fiel!